

**Arquitetura paulista contemporânea:
Os limites entre o edifício e a cidade em dois projetos
arquitetônicos do MMBB Arquitetos**

Prof. Dr. Evandro FIORIN *

Resumo

Esta pesquisa discute as “disposições espaciais” de dois projetos arquitetônicos que foram concebidos para clínicas construídas na pequena cidade de Orlandia, no interior de São Paulo, a terra natal do autor das obras, o arquiteto Ângelo Bucci – jovem expoente da produção arquitetônica paulista contemporânea. A Clínica de Psicanálise (1995-1998) e a Clínica de Odontologia (1998-2000), por suas qualidades emblemáticas serão lidas aqui, pelas tentativas de dissolver os limites entre o edifício e a cidade – uma ideia de continuidade espacial apregoada pelo movimento moderno internacional e que, na realidade brasileira, ainda se apresenta como grande desafio, apesar das ricas experiências da arquitetura nacional. Isto porque, nas nossas cidades, sejam elas pequenas, médias, ou áreas metropolitanas, os limites entre o público e o privado estão cada vez mais demarcados em função da propriedade da terra, do medo e da violência. Nesse sentido analisaremos nos projetos citados, algumas das estratégias utilizadas pelo arquiteto citado e sua equipe – MMBB Arquitetos –, para tentar dissolver tais limites, bem como os resultados obtidos.

Palavras-chave: Arquitetura, Limites, Edifício, Cidade;

Abstract

This research discusses the "spatial arrangements" two architectural projects that were designed for clinics built in the small town of Orlandia, in countryside of São Paulo, the birthplace of the author of the work, the architect Angelo Bucci - young exponent of contemporary architectural production in São Paulo. The Clinic of Psychoanalysis (1995-98) and Dental Clinic (1998-2000), for its flagship qualities are read here by attempts to dissolve the boundaries between the building and the city - an idea touted by the spatial continuity and international modern movement that the Brazilian reality, still presented as major challenge, despite the rich experiences of national architecture. This is because, in our cities, whether small, medium, or metropolitan areas, the boundaries between public and private are increasingly demarcated on the basis of land ownership, fear and violence. In this sense we analyze the projects mentioned, some of the strategies used by the architect and his team - MMBB Architects - to try to dissolve such boundaries as well as the results.

Key-words: Architecture, Limits, Building, City;

¹ Arquiteto, docente do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus Presidente Prudente-SP. e-mail: evandrofiorin@fct.unesp.br

Na segunda metade dos anos 1980, a organização dos arquitetos paulistas em equipes era muito frequente entre os recém-formados, especialmente, visando a participação nos concursos públicos de arquitetura. Porém, perante a frustração por não ter um projeto premiado construído e diante da dificuldade de encomendas frente à crise do governo Collor, quando a arquitetura passa a ser uma atividade dominada pelas construtoras, empreiteiras e escritórios estrangeiros, o trabalho cooperado perpetua-se como uma alternativa para a sobrevivência. Então, para enfrentar os desafios dos anos 1990, esse exercício conjunto da arquitetura resultou num inusitado encontro de gerações, como o exemplo das colaborações entre Paulo Mendes da Rocha e alguns jovens arquitetos¹.

Nesse caso, esse encontro de gerações já havia sido iniciado há uma década atrás, ainda na FAU/USP, quando Mendes da Rocha voltou a lecionar, depois da anistia. Assim, como consequência da vivência na escola, nutrida pelo retorno da práxis projetual, do hábito de trabalhar em grupo e da divisão de tarefas, pôde se configurar, na vida profissional, o vínculo entre ex-alunos e o professor. Uma aproximação transformada em uma escolha “ideal” de trabalho, balizada pela amizade e parceria, buscando driblar os impedimentos de uma prática pública da disciplina, na tentativa de “preservar a integridade do projeto, enfrentando a vertigem do mercado”.²

Essa preocupação crítica é o que alimenta o pensamento dos membros das equipes de jovens arquitetos que, tendo acumulado um domínio da prática e pelo reconhecimento obtido nos concursos de arquitetura, buscam

¹ O início das parcerias de Mendes da Rocha com jovens arquitetos remonta a dois projetos de sua autoria: a Capela de São Pedro (1988), em Campos do Jordão-SP, juntamente com o arquiteto Eduardo Colonelli; e o MuBE (1987-95), em São Paulo, com José Armênio de Brito Cruz, do Piratininga Arquitetos Associados. Logo depois, no projeto da Pinacoteca do Estado (1993), em São Paulo, novamente com Eduardo Colonelli, além de Weliton Ricoy Torres. Mais tarde, no Terminal de Ônibus do Parque D. Pedro II (1995-96), no Centro Cultural Fiesp (1996-98), no Poupatempo Itaquera (1998-2000) e na Oca do Ibirapuera (1999), em São Paulo, com o MMBB Arquitetos. Cf. SERAPIÃO, F. Especial Paulo Mendes da Rocha. Consagração, no escritório virtual: do MuBE ao Pritzker. Projeto, São Paulo, n. 316, p. 52-55, jun. 2006, p. 52.

² ROCHA, P. M. Tentamos sempre preservar a integridade do projeto, enfrentando a vertigem do mercado. [entrevista a Fernando Serapião e Silvério Rocha junto de integrantes das equipes: Ricoy Torres e Colonelli, Piratininga Arquitetos, MMBB Arquitetos e Metro Arquitetos]. Projeto, São Paulo, n. 275, p. 06-11, jan. 2003, p. 06.

reforçar, nos seus trabalhos solo, o interesse pela “cidade” e pelo “território”, no desejo de compreender a “organização urbana” e as “redes de infraestrutura”³.

Um discurso que se reflete na maneira como um dos grupos próximos de Paulo Mendes da Rocha, o MMBB Arquitetos⁴, procura encaminhar os seus projetos em algumas obras na capital paulista ou no interior do Estado de São Paulo⁵.

A Clínica de Psicanálise (1995-98), localizada em Orlandia, distante aproximadamente 360 km da capital, é uma dessas construções. Com um programa conciso definido por dois consultórios, biblioteca e sala de estudos para atender um casal de psicólogos, o projeto surpreende pela sua implantação singular, na medida em que adquire a força de uma “obra experimental”, como uma espécie de “ensaio arquitetônico” sobre os limites entre o público e o privado⁶.

Ao invés do espaço de estacionamento frontal, como seria comum na maioria destas edificações, as largas e pacatas avenidas dessa pequena cidade agroindustrial, com aproximadamente 35 mil habitantes, dispensam essa preocupação, o que pode ter impellido o partido de uma esplanada defronte à rua que, de início, pode ser lida como extensão da calçada. Nesse

³ BRAGA, M. Nos anos 80 o interesse renovado pelo projeto e o domínio da prática. *Projeto*, São Paulo, n. 228, p. 97, jan./fev. 1999, p. 97.

⁴ O MMBB Arquitetos foi formado por integrantes do escritório Via Arquitetura (1988), dentre eles Fernando de Mello Franco, Marta Inês da Silva Moreira e Milton Liebenritt de Almeida Braga; além de Ângelo Bucci, do escritório Arquitetura Paulista (1989), que integrou a equipe de 1996 a 2003 e, desde então, compõe o SPBR Arquitetos. Vale ressaltar também que todos os integrantes do grupo paulista MMBB Arquitetos são graduados pela FAU/USP na segunda metade dos anos 80 e tiveram projetos premiados no concurso para o Pavilhão da Expo' 92, em Sevilha. Cf. SANTOS, C. R. dos. *Novíssimos Arquitetos. Projeto*, São Paulo, n. 143, p. 54-73, jul. 1991, p. 68; 73.

⁵ Em São Paulo, o MMBB Arquitetos conquistou o Prêmio EX-AEQUO, na IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo – BIA com o projeto para a Garagem Trianon (1996-1999), que teve como colaborador: a arquiteta Keila Costa; o paisagismo de Marcelo Suzuki; a estrutura concebida pela Proenge Engenharia de Projetos S/C; e a construção por conta da Construbase – Construtora de Obras Básicas de Engenharia. Cf. GARAGEM Trianon. *AU*, São Paulo, n. 88, p. 78-79, fev./mar. 2000. Leia também: GARAGEM Trianon. *Projeto*, São Paulo, n. 239, p. 51, jan. 2001. No interior, no município de Orlandia, por decorrência de uma “implantação singular” na cidade, o projeto para a Clínica de Psicanálise (1995-98) foi indicado ao 2º. Prêmio Mies van der Rohe de Arquitetura para a América Latina (2000). Cf. MUNGIOLI, A. (Ed.). *Cotas de ocupação, percurso de acesso e controle da luz marcam relação entre espaço público e privado. (Clínica de Psicanálise)*. *Projeto*, São Paulo, n. 237, p. 66-71, nov. 1999, p. 66. Leia também: DEGELO, M. *Divã ousado. (Clínica de Psicanálise de Orlandia, MMBB)*. *Casa e Jardim*, São Paulo, ano 51, n. 601, p. 80-4, fev. 2005.

⁶ MUNGIOLI, A. (ed.). *Cotas de ocupação, percurso de acesso e controle da luz marcam relação entre espaço público e privado. (Clínica de Psicanálise)*. *Projeto*, São Paulo, n. 237, p. 66-71, nov. 1999, p. 66.

limiar se configura um recinto acolhedor, com piso de mosaico português, bancos, vegetação e um espelho d'água, que se distende ao longo da divisa esquerda do lote. Uma liberdade espacial facilitada pela permissividade da legislação local, com total cumplicidade dos clientes.

Essa generosa arrumação dos elementos ali dispostos tende a configurar uma espécie de praça como parte integrante do projeto dessa clínica, mas com alguns limitadores, tais como: uma alta grade retrátil disposta ao longo do recuo frontal que resguarda todo o terreno quando oportuno; uma área rebaixada que aproveita o desnível do lote, configurando um pátio interno protegido, destinado à terapia em grupo; além de uma empena cega em concreto armado na fachada principal, a qual resguarda uma galeria longitudinal, que se produz como uma barreira visual à rua.

Por conta disso, as ideias dos arquitetos, com respeito aos limites entre o edifício e a cidade tentam articular um desenho que busca conciliar as necessidades de publicização e privacidade do espaço, assim: “[...] o foco deste projeto não é uma coisa nem outra, mas a relação entre elas, ou a transição de uma para outra”⁷.

De tal sorte, a concepção dessa clínica postula a noção de um espaço transitório. Uma apreensão que muito difere dos antigos preceitos presentes em projetos emblemáticos da chamada “arquitetura paulista” dos anos 1960, principalmente, quanto ao cerramento das edificações, como contraposição político-crítica em relação à cidade existente, produzida pela especulação imobiliária. Assim, pode ser que, a suspensão desse conjunto do terreno e o reconhecimento do espaço por fragmentos atestem uma nova condição espacial, minimizando as tensões entre a obra e o seu entorno. Nesse caso, como em um aprendizado sobre os projetos de Mendes da Rocha, esse objeto arquitetônico ora está aberto, ora fechado, ora semi-público, ora privado.

⁷ BUCCI, A. Depoimento a Arlindo Munglioli. MUNGIOLI, A. (Ed.). Cotas de ocupação, percurso de acesso e controle da luz marcam relação entre espaço público e privado. (Clínica de Psicanálise). *Projeto*, São Paulo, n. 237, p. 66-71, nov. 1999, p. 66.



Figura 01 – Clínica de Psicologia, 1995-1998, edifício e entorno (1). Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 02 – Clínica de Psicologia, 1998-2000, edifício e entorno (2). Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 03 – Clínica de Psicologia, 1998-2000, a esplanada e espelho d'água. Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 04 – Clínica de Psicologia, 1998-2000, detalhe do filete de água. Fonte: autor (mar. 2008).

Nesse sentido, a pequena esplanada da clínica é um hiato que articula um percurso em sobrevoo e a amplitude necessária para a percepção difusa dos limites do edifício e da cidade. O pedestre entra no terreno e caminha pelo vazio sobre uma passarela de metal – talvez como um ensinamento assimilado da Pinacoteca do Estado (1988-99) –, até chegar à entrada do edifício, na lateral da galeria longitudinal. Ao adentrar esse espaço elevado é deflagrada uma espécie de varanda (recepção e sala de espera).

Porém, ao invés de um espaço interior, esse ambiente ainda se apresenta como trânsito entre o lado de dentro e o de fora, pois a galeria é guarnecida por painéis móveis de ripados de madeira, constituindo algumas frestas articuláveis nas suas empenas laterais⁸.

Desta maneira, acreditamos que tais soluções servem tanto para orientar uma tentativa de continuidade espacial, pela dissipação de uma marcação do perímetro da arquitetura, como também, para justificar um raciocínio mais complacente no uso do concreto armado, buscando valorizar as técnicas mais rudimentares, bem como tentando adaptá-lo às condições climáticas do local. Assim, o filete de água que se expande em linha reta até o fundo do lote, também serve a aumentar a umidade do clima seco, enquanto promove a distensão do olhar pelo terreno.

Esse partido projetual antecipa o edifício da Clínica de Odontologia (1998-2000), também na cidade de Orlandia. Um projeto que foi escolhido entre críticos de arquitetura do Brasil como uma das melhores obras da década de 1990⁹. Considerando o exame desse edifício no ambiente em que está inserido, podemos ampliar uma necessária visão de conjunto para poder entendê-lo. Assim, a tentativa do MMBB Arquitetos em estabelecer um diálogo com o entorno urbano é o nosso ponto de partida, pois esta clínica se localiza em uma esquina, como prédio sem muros, buscando construir, nas suas duas laterais, uma espécie de cobertura de concreto avarandada. Nessa concepção, o projeto prima em expandir os limites do lote, tanto que, ao fundo, é possível ter a impressão da configuração de um pequeno quintal ajardinado como uma continuação do recuo frontal.

⁸ A utilização de elementos recorrentes da arquitetura tradicional para controlar as condições climáticas, como muxarabis, venezianas, beirais e varandas são soluções simples do repertório construtivo brasileiro que foram usadas em outros projetos de Ângelo Bucci e Álvaro Puntoni, tal como a Pousada em Juquehy. Cf. MUNGIOLI, A. (Ed.). Planos desencontrados, anteparos verticais, varandas, muxarabis, venezianas e beirais controlam a luz e o ar. (Pousada em Juquehy). *Projeto*, São Paulo, n. 207, p. 46-50, abr. 1997, p. 48.

⁹ A revista *Projeto* promoveu em 2001 um debate sobre os rumos da arquitetura atual, lançando cinco perguntas; dentre elas: Quais os cinco principais projetos de arquitetura concluídos no Brasil na década de 90? Dois dos entrevistados, Antônio Carlos Sant' Anna Jr. e Mateus Gorovitz opinaram, dentre outras obras, pela Clínica de Odontologia de Orlandia. Cf. SERAPIÃO, F. Debate: A opinião dos críticos. A Arquitetura Brasileira evoluiu apesar das dificuldades impostas pela globalização. *Projeto*, São Paulo, n. 251, p. 42-47, jan. 2001.



Figura 05 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, edifício e entorno (1). Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 06 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, edifício e entorno (2). Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 07 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, edifício e entorno (3). Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 08 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, edifício e entorno (4). Fonte: autor (mar. 2008).

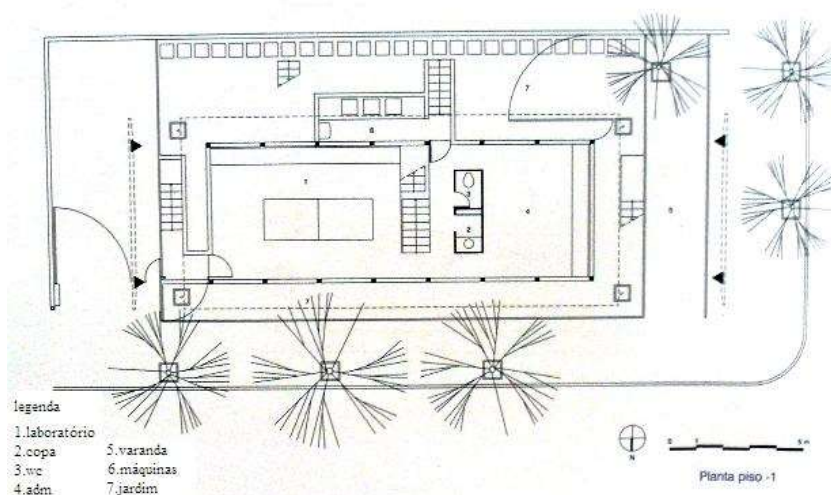


Figura 09 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, projeto, planta nível (-1,48). Fonte: Escorial (2004, p. 38).

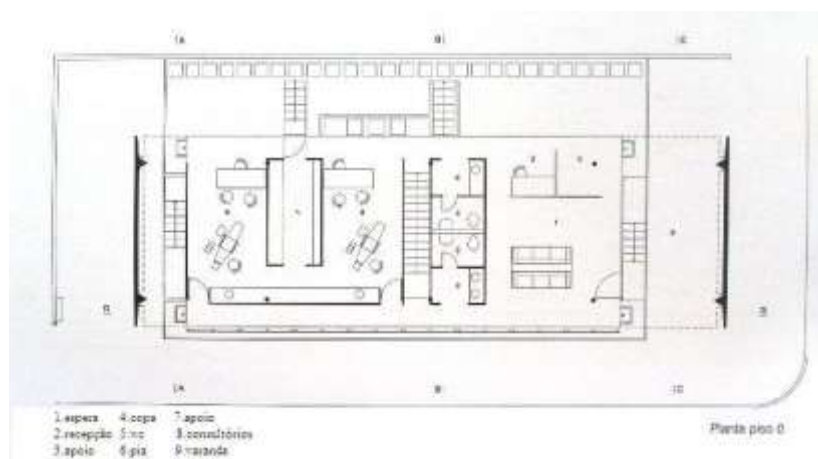


Figura 10 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, projeto, planta nível (+1,12). Fonte: Escorial (2004, p. 38).



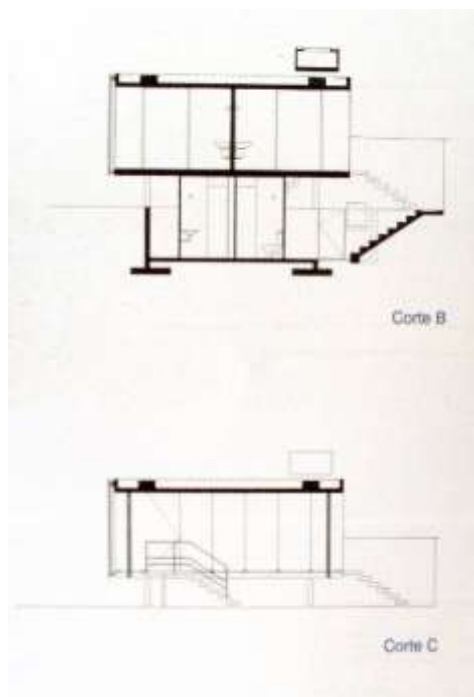


Figura 11 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, projeto, cortes. Fonte: Escorial (2004, p. 38).

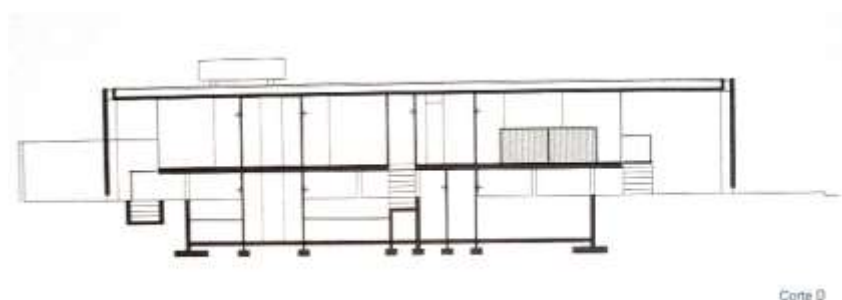


Figura 12 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, projeto, corte D. Fonte: Escorial (2004, p. 38).

Logo, em uma extremidade, procura-se a articulação de duas cotas, a da rua, com a varanda em continuidade com a calçada e a da ante-sala dos consultórios (+1,12), por meio de uma espécie de alpendre que serve como acesso à edificação. Há, ainda, o laboratório de próteses que fica abaixo desse plano, parcialmente escavado (-1,48). É, nessa conjugação de desníveis, que a equipe justifica o partido, na medida em que recupera uma “parte da memória das pessoas, acostumadas à cota alta dos assoalhos sobre porões das primeiras casas da cidade”¹⁰.

¹⁰ BUCCI, A. Depoimento a Fernando Serapião. SERAPIÃO, F. Complexa concepção construtiva é ocultada pela simplicidade volumétrica. (Clínica de Odontologia). *Projeto*, São Paulo, n. 248, p. 76-81, out. 2000, p. 78.

Nesse sentido, no programa dessa clínica de odontologia, existe uma tentativa de revalidar a varanda, o alpendre e o porão, a partir de uma leitura “contextualista” da arquitetura de Orlândia, cuja tipologia possibilitava desenhar uma suave transição entre a casa e a rua. A partir dessa concepção, o edifício busca certa permissividade nos trajetos, devido à ininterruptão do calçamento de mosaico português proposto como um piso que se distende para além dos limites da projeção da cobertura.

Além disso, uma relação entre interior-exterior também pode ser reforçada, pois, ao invés dos comuns embasamentos pétreos usados antigamente, a sustentação do piso superior dessa clínica odontológica se dá por meio de oito esbeltos pilares de concreto, entremeados por panos de vidro, criando uma linha cristalina e fazendo com que o corpo do edifício pareça flutuar. Com essa preocupação, busca-se uma perspectiva fluída do sítio, além da configuração de dispositivos para iluminação das funções que estão semi-enterradas no terreno. Uma transparência que é acentuada pelas superfícies diáfanas que recobrem os quatro lados do volume suspenso que é apenas tangenciado pela estrutura delgada de concreto armado.





Figuras 13 e 14 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, recuos integrados. Fonte: autor (mar. 2008).

Para amenizar a incidência de raios solares na fachada norte da clínica de odontologia e evitar a perda de interação entre passeio e edifício, proporcionada pelos panos de vidro, recorre-se ao uso de um sistema de *brise-soleil* de madeira. A utilização desse ripado pode fazer referência à “arquitetura colonial”, como diz Guerra (2004)¹¹, entretanto, se os antigos muxarabis possibilitavam a ventilação natural, os elementos, sobrepostos com certo distanciamento dessa grande vidraça, sob um trilho de metal que corre sobre a estrutura, já não a permite¹².



Figuras 15 e 16 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, exterior, brises de madeira. Fonte: autor (mar. 2008).

¹¹ GUERRA, A. Quatro projetos do grupo MMBB. *Vitruvius*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq056/arq056_02.asp>. 2004. Acesso em: 07 nov. 2007, p.03.

¹² No passado paulista esses dispositivos de controle de insolação aparecem em casas do chamado “período wrightiano” de Artigas, embora com uma linguagem diferente. Cf. BRUAND, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1981, p. 271. No entanto, ressaltamos que a utilização de elementos recorrentes da arquitetura tradicional para controlar as condições climáticas, como muxarabis, venezianas, beirais, varandas e outras soluções simples do repertório construtivo brasileiro foram usadas em outros projetos de Ângelo Bucci e Álvaro Puntoni, tal como a Pousada em Juquehy. Cf. MUNGIOLI, A. (Ed.). Planos desencontrados, anteparos verticais, varandas, muxarabis, venezianas e beirais controlam a luz e o ar. (Pousada em Juquehy). *Projeto*, São Paulo, n. 207, p. 46-50, abr. 1997.



Figuras 17 e 18 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, interior, transparências. Fonte: autor (mar. 2008).

Mesmo assim, a apropriação dos materiais utilizados no projeto não compromete o conforto do ambiente. Especialmente porque preservam uma ideia de interpenetração da cidade no edifício e vice-versa, sobretudo pela translucidez da clínica. Nesse caso, essa concepção pavilhonar prima por conjeturar uma continuidade espacial com seu entorno. Em conjunto, os fechamentos transparentes, a estrutura singela e as ripas de madeira entremeadas tendem a revelar um desejo de integração entre obra e espaço urbano, expressa no interesse em “desenhar a cidade e não só um objeto”¹³.



¹³ FRANCO, F. M. Depoimento a John E. Czarneck. CZARNECKI, J. E. Dental Clinic, Orlandia, Brazil. *Architectural Record*, p. 140-143, jul. 2002, p. 140. (tradução do autor).



Figura 19 e 20 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, estrutura, vértices de luz. Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 21 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, exterior, vista (1). Fonte: autor (mar. 2008).



Figura 22 – Clínica de Odontologia, 1998-2000, exterior, vista (2). Fonte: autor (mar. 2008).

Desta maneira, entendemos que tais preocupações em fazer com que o edifício se integre à cidade, presentes em ambos os projetos para estas clínicas, realizadas na pequena cidade de Orlandia, no interior de São Paulo apresentam “disposições espaciais” que são resultado de um esforço em atenuar os limites da arquitetura em relação ao urbano, atualmente tão marcado pela presença de barreiras de proteção, pelo medo e violência. Os projetos aqui destacados tentam lidar com estratégias para integrar espaço público e o privado. Experiências que revelam possibilidades de integração entre a rua, a calçada e o lote, bem como entre a arquitetura e o urbanismo. Dispositivos tornados visíveis pelo uso de esplanadas ou varandas, painéis móveis ou transparências. Além disso, podemos avançar também, que tais projetos buscam tentar repensar uma linguagem contemporânea à chamada “arquitetura paulista”, agora, se permitindo aceitar a realidade que os cerca.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, M. Nos anos 80 o interesse renovado pelo projeto e o domínio da prática. **Projeto**, São Paulo, n. 228, p. 97, jan./fev. 1999.
- BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CZARNECKI, J. E. Dental clinic, orlandia, Brazil. **Architectural Record**, p. 140-143, jul. 2002.
- DEGELO, M. Divã ousado. (Clínica de psicanálise de Orlandia, MMBB). **Casa e jardim**, São Paulo, ano 51, n. 601, p. 80-4, fev. 2005.
- ESCORIAL, L. E. (ed.). Clínica de odontologia SPBR Arquitetos. **ARQ./A**, Lisboa, n. 26, p. 37-41, jul./ago. 2004.
- GARAGEM Trianon. **AU**, São Paulo, n. 88, p. 78-79, fev./mar. 2000.
- GARAGEM Trianon. **Projeto**, São Paulo, n. 239, p. 51. jan. 2001.
- GUERRA, A. Quatro projetos do grupo MMBB. **Vitruvius**. 2004 Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq056/arq056_02.asp>. Acesso em: 07 nov. 2007.
- MUNGIOLI, A. (ed.). Cotas de ocupação, percurso de acesso e controle da luz marcam relação entre espaço público e privado. (Clínica de psicanálise). **Projeto**, São Paulo, n. 237, p. 66-71, nov. 1999.
- MUNGIOLI, A. (ed.). Planos desencontrados, anteparos verticais, varandas, muxarabis, venezianas e beirais controlam a luz e o ar. (Pousada em Juquehy). **Projeto**, São Paulo, n. 207, p. 46-50, abr. 1997.
- ROCHA, P. M. Tentamos sempre preservar a integridade do projeto, enfrentando a vertigem do mercado. [entrevista a Fernando Serapião e Silvério Rocha junto de integrantes das equipes: Ricoy Torres e Colonelli, Piratininga Arquitetos, MMBB Arquitetos e Metro Arquitetos]. **Projeto**, São Paulo, n. 275, p. 06-11, jan. 2003.
- SANTOS, C. R. dos. Novíssimos arquitetos. **Projeto**, São Paulo, n. 143, p. 54-73, jul. 1991.
- SERAPIÃO, F. Complexa concepção construtiva é ocultada pela simplicidade volumétrica. (Clínica de Odontologia). **Projeto**, São Paulo, n. 248, p. 76-81, out. 2000.

SERAPIÃO, F. Debate: A opinião dos críticos. A arquitetura brasileira evoluiu apesar das dificuldades impostas pela globalização. **Projeto**, São Paulo, n. 251, p. 42-47, jan. 2001.

SERAPIÃO, F. Especial Paulo Mendes da Rocha. Consagração, no escritório virtual: do MuBE ao Pritzker. **Projeto**, São Paulo, n. 316, p. 52-55, jun. 2006.